

Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

FESTAS DO DIVINO NO PLANALTO MERIDIONAL DO BRASIL – PRESENÇA AÇORIANA E DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO NOS CAMPOS DE LAGES E CIMA DA SERRA

Fabiano Teixeira dos Santos¹

1. Apresentação

O trabalho que se passa a apresentar lança um olhar sobre as Festas do Divino Espírito Santo na região do Planalto Meridional do Brasil, território situado entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Seu desenvolvimento se deu a partir de estudo inicial que tratou especificamente da arquitetura dos Impérios do Espírito Santo, elemento que compõe o conjunto de símbolos relacionados ao culto católico de cunho popular da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Abordando o contexto histórico e a situação atual dos festejos religiosos realizados em comunidades tradicionais, nas quais se constata a presença de traços culturais de origem açoriana, se almeja contribuir com novos subsídios para o estudo do tema. Principalmente em razão de a historiografia costumar restringir as influências culturais dos açorianos à faixa litorânea que se estende entre a Ilha de Santa Catarina e a Barra do Rio Grande, e ao longo do rio Jacuí, áreas onde sabidamente os contingentes populacionais provenientes das Ilhas foram inicialmente assentados, por iniciativa da Coroa Portuguesa.

¹ Arquiteto e Urbanista, Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF, Professor de História da Arquitetura e Arquitetura Brasileira na Sociedade Educacional de Santa Catarina – SOCIESC, Chefe do Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Francisco do Sul – SC.

Porém, no decorrer do processo de definição das fronteiras meridionais do Brasil, açorianos e descendentes adentraram o sertão em busca de prosperidade e estabilidade, atingindo já no final do século XVIII novos territórios, dentre os quais os Campos de Lages e os Campos de Cima da Serra, nos planaltos catarinense e gaúcho, respectivamente.

Desta forma, difundiram seus costumes e tradições muito mais amplamente do que se costuma registrar, sendo a ocorrência da Festa do Espírito Santo um indicador desta presença, atestando o relevante papel dos ilhéus na formação etnográfica e cultural do Sul do Brasil.

2. Povoadores açorianos no Planalto Meridional do Brasil

Até o início do século XVIII, a vastidão dos Campos de Lages e de Cima da Serra – imensa área de pastagens e florestas de araucária compreendida entre o Planalto de Santa Catarina, ao norte do rio Pelotas, e o nordeste do Rio Grande do Sul, até as encostas meridionais da Serra Geral – era uma região erma, esporadicamente freqüentada pelos guaranis missionários que vinham em busca do numeroso rebanho de gado vacum alçado aí existente, destinado às reduções jesuíticas espanholas².

Contudo, por volta de 1736, a abertura do “Caminho de Viamão” e sua passagem pelos planaltos gaúcho e catarinense rumo à cidade paulista de Sorocaba, consistiu em obra de maior relevância, quando impulsionou o Ciclo das Tropas e integrou definitivamente o Sul ao território brasileiro, então português.

Facilitado o acesso e ocupação, foram concedidas sesmarias para o estabelecimento de fazendas voltadas à criação de bovinos e muares, destinados ao abastecimento de carne e montaria nas capitanias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Paralelamente, em apoio à atividade pastoril e tropeira, fundaram-se os dois primeiros povoados planaltinos: no lado catarinense, em 1766, a vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens, atual cidade de Lages; e no lado sul-rio-grandense, em 1768, a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria, hoje cidade de Vacaria, que integrava o termo da vila de Santo Antônio da Patrulha.

Neste período, dirigiam-se ao litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul centenas de “casais” provenientes do Arquipélago dos Açores, alistados pela Coroa para a estratégica colonização das terras meridionais do Brasil, em disputa com a Espanha³.

² Fato que originou a denominação primitiva da região *Baqueria de los Piñales*, depois Vacaria dos Pinhais.

³ FORTES, João Borges. *Os casais açorianos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978; PIAZZA, Walter F. *A Epopéia Açórico-madeirense 1748-1756*. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

Na medida em que adentravam o território e enfrentavam os reveses das guerras de fronteira, passando pela Ilha de Santa Catarina, por Laguna, Santo Antônio da Patrulha ou Viamão, muitos ilhéus optaram em rumar Serra acima, onde a abundância de rebanhos e pastagens acenava-lhes com perspectivas de uma vida mais estável e promissora.

Foi então que a epopéia açoriana encontrou ressonância nos campos do planalto meridional brasileiro, fato já observado por Manoel Duarte:

“A estas paragens predestinadas, préstoprésto afluiriam lagunenses e paulistas sem conto, seguidos concomitantemente de considerável núcleo de migrantes açorianos. Porque estes, em vendo impedida a sua expansão e radicação para o Sul e interior do Riogrande, em virtude da recrudescente ofensiva espanhola, retrocedem, pelo litoral, até Lagúna. Daí palmilham o caminho da serra e se adentram, também, no Planalto recém português”⁴.

Pesquisas recentes têm trazido à luz dados relevantes sobre a contribuição açoriana no Planalto Serrano, sobretudo, demográfica: famílias tradicionais, como os Ramos, Ribeiro da Silva, Xavier Leite, Boeira, Motta, Dutra, Pereira Gomes, Fonseca e Paim, têm comprovadamente suas raízes nas Ilhas⁵.

Dentre os pioneiros, destacam-se Matheus José de Souza, angrense que participou com o capitão-mor Antônio Correia Pinto de Macedo da fundação da vila de Lages em 17666, e Pascoal Vieira da Rosa, da ilha de São Miguel, que integrou a 1ª Cavalaria Auxiliar do Distrito de Vacaria em 17787.

Mesclando-se aos demais povoadores, os ilhéus contribuíram de forma efetiva para a formação do homem serrano, introduzindo hábitos e costumes que se preservaram ou modificaram, conforme as necessidades impostas pelo novo meio: o linguajar, a arquitetura, a gastronomia e a religiosidade, em que se destacam as festas do Espírito Santo⁸.

3. Festa do Divino Espírito Santo: dos Açores ao Sul do Brasil

4 DUARTE, Manoel. *No Planalto (Epizódios e paisagens sôbre o Nordéste Riograndense)*. Porto Alegre: Globo, 1930, p. 17.

5 ALVES, Luiz Antônio. *O povo serrano – tema de palestras*. Porto Alegre: EST, 2002; OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. *Aurorescer das Sesmarias Serranas – História e Genealogia*. Porto Alegre: EST, 1996.

6 COSTA, Licurgo. *O Continente das Lagens – sua história e influência no sertão da terra firme*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 52; SCHNEIDER, Ismênia Ribeiro. *Famílias Açorianas na Região Serrana de Santa Catarina: um estudo dos Souzas*. Estudo de Genealogia, 2004.

7 OLIVEIRA, op.cit. p. 29.

8 BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Vacaria dos Pinhais*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1978, p. 167 e 169.

A Festa do Divino Espírito Santo é, nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a celebração religiosa mais representativa da contribuição dos colonizadores açorianos à sua formação histórico-cultural, quer pelo significado que ainda possui na maioria das comunidades onde se realiza, quer pelas suas semelhanças com as festividades realizadas nas ilhas do arquipélago português, onde assumem um caráter fortemente popular⁹.

É certo que a devoção a Terceira Pessoa da Trindade chegou ao Brasil com os primeiros colonizadores portugueses, a partir do século XVI. Contudo, no Sul do país, cuja ocupação efetiva deu-se a partir do século XVIII, foi a presença de numeroso contingente de famílias açorianas a ocupar sistematicamente os territórios das capitanias de Santa Catarina e do Rio Grande de São Pedro entre 1748 e 1756, o impulso para o desenvolvimento desse culto na região.

No Rio Grande do Sul, a referência mais antiga sobre a celebração do Espírito Santo provém de Santo Antônio da Patrulha (RS), havendo registro sobre a ocorrência da Festa do Divino no município já no ano de 1778¹⁰. Na capital Porto Alegre e na cidade vizinha de Gravataí, os edifícios que serviram como impérios teriam sido inaugurados em 1821 e 1825, respectivamente¹¹. Ao tratar das procissões, devoções e festas de igreja em Rio Pardo, Dante de Laytano recorda o costume que havia em 1783 de se recorrer às coroas do Espírito Santo para os casos de partos difíceis¹².

Em Santa Catarina, data de 1773 a fundação da irmandade do Divino Espírito Santo da Vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis)¹³, enquanto em Laguna, a mesma confraria teve a aprovação e confirmação de seu compromisso em 1815¹⁴.

Tendo ocorrido em praticamente todas as freguesias, vilas e cidades do Sul do Brasil durante o século XIX, período de seu apogeu, as festas do Divino enfrentaram ao longo do século XX a decadência e simplificação dos rituais, registrando-se inclusive a extinção de boa parte das irmandades e o abandono e demolição dos impérios.

9 JACHEMET, Célia Silva. *As festas do Espírito Santo em Portugal – Açores e sua transmigração para o Brasil e Rio Grande do Sul*. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel (org.). *Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições EST, 1993.

10 BEMFICA, Coralia Ramos e outros (org.). *Santo Antônio da Patrulha: re-conhecendo sua história*. Porto Alegre: Edições EST, 2000, p. 282.

11 SANTOS, Fabiano Teixeira dos. *A arquitetura dos impérios do Espírito Santo no Brasil Meridiona: uma contribuição açoriana*. Revista Atlântida, v. LIII, 2008, p. 37-48.

12 LAYTANO, Dante de. *Almanaque de Rio Pardo*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1946, p. 89.

13 CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro – Notícia*. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 432.

14 NUNES, Lélia Pereira da Silva. *Caminhos do Divino – Um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007, p. 49.

Uma explicação para isso seria a influência e ação de clérigos contrários à devoção popular ao Espírito Santo, por entenderem que os ritos e elementos profanos dos festejos seriam prejudiciais à instituição eclesiástica, bem como a própria modernização da liturgia, objeto de reformas substanciais na segunda metade do século XX¹⁵.

Atualmente, principalmente a partir de iniciativas de resgate cultural incluindo o intercâmbio entre instituições governamentais e acadêmicas do Brasil e Açores, tem havido o resgate das festas do Espírito Santo e sua valorização junto às comunidades nas quais tradicionalmente são celebradas, como manifestação de folclore e religiosidade popular.

4. Devoção e festas do Divino Espírito Santo nos Campos de Lages e Cima da Serra

Muitos foram os açorianos e seus descendentes que venceram a grande altitude que separa o litoral da região serrana, para se estabelecer na amplidão do planalto sulino. Junto com a determinação para recomeçarem suas vidas no Novo Mundo, no qual modos de vida e tradições foram reinventados, trouxeram a fé no Divino Espírito Santo, que também aí criou raízes e se perpetuou como devoção habitual.

Importa lembrar que nas demais regiões brasileiras, inclusive em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, a devoção ao Espírito Santo havia se desenvolvido fortemente no século XVIII, disseminando-se também para o Sul por meio dos antigos caminhos de tropas¹⁶.

Com a interação desses diferentes grupos, mesclando gentes e costumes, rapidamente a crença simples e fervorosa na divindade representada pela pomba popularizou-se, tornando-se uma constante no cotidiano de todas as famílias. E da mesma forma, as festas foram paulatinamente surgindo no contexto dos povoados.

Tanto em Lages como em Vacaria se tem notícia desde o século XIX da peregrinação de grupos de foliões cantando e levando às mais isoladas fazendas a bandeira do Divino, arrecadando prendas e ofertas destinadas à realização dos festejos¹⁷.

Igualmente, registra-se a existência dos impérios, as singelas capelas para onde se dirigia o imperador com seu cortejo, após a missa de coroação na igreja matriz¹⁸. Com o

15 Nunes, op. cit., p. 103-104.

16 ETZEL, Eduardo. *Divino – Simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995.

17 COSTA, op. cit., p. 352.

18 SANTOS, Fabiano Teixeira dos. *Generalidades e particularidades nas arquiteturas açoriana e luso-brasileira: considerações sobre os impérios do Espírito Santo*. Texto apresentado no Colóquio 260 anos de Herança Açoriana no Brasil Meridional – NEA/UFSC, Florianópolis, 2008.

acompanhamento da banda de música, de foguetes e da multidão, eram ali depositadas a coroa, o cetro e as bandeiras, objetos sagrados, alvo da afetiva veneração dos fiéis.

Em Lages, a fachada da igreja matriz era iluminada por lamparinas e as janelas das residências ornadas por vistosos panos, enquanto se confeccionavam arcos em madeira decorados por galhos de pinheiros, palmas e flores, dispostos nas praças e ruas¹⁹. Na catedral diocesana, preservou-se um belíssimo ostensório do Espírito Santo, escultura em madeira policromada e dourada de características barrocas, datada presumivelmente do século XVIII, época de fundação da cidade.

São Joaquim, antigo distrito lageano emancipado em 1886, teve sua própria Festa do Divino em maio de 1907, ocasião em que o jornal *A Gazeta Joaquinense* noticiava a realização de novenas, missa solene, procissão do cortejo imperial com o acompanhamento da banda Mozart Joaquinense e animado leilão de prendas²⁰.

Em Vacaria, o império, palco de concorridas festividades, foi instalado em 1870 na antiga igreja matriz de Nossa Senhora da Oliveira, aí funcionando até 1899. Essa primitiva capela, de proporções modestas, erguida em alvenaria, localizava-se no lado leste da praça principal da cidade e deixou de abrigar a igreja paroquial quando da inauguração de um novo templo, no local em que hoje figura imponente a catedral²¹.

As demonstrações da devoção eram inúmeras: pombinhas arrematando os ângulos dos telhados das moradias nas fazendas e vilas, antiga superstição para proteção do lar²², manutenção de bandeiras e imagens de pombas do Divino junto aos oratórios domésticos²³, e até mesmo a designação do nome da propriedade, caso da fazenda do Espírito Santo, situada no município de Campo Belo do Sul, ex-distrito de Lages.

Merece menção ainda o documento intitulado “Diploma de agregação à devoção do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Oliveira”, conferido ao pecuarista Luiz Ignácio

19 COSTA, op. cit., p. 354.

20 NUNES, op. cit., p. 104.

21 OLIVEIRA, José Fernandes de. *Rainha do Planalto*. Editora São Miguel, 1959, p. 191 e 204.

22 Como ainda se pode observar na antiga residência que pertenceu ao coronel Juca Antunes, no centro da cidade de Lages, ou nas sedes das fazendas Santa Teresa e São João, também em Lages.

23 Foi preservada junto à capela da fazenda Cajuru, em Lages, antiga bandeira em cetim vermelho, bordada, cujo mastro é encimado por uma pombinha do Divino esculpida em madeira. Esculturas semelhantes encontram-se no museu de Bocaina do Sul, antigo distrito de Lages recentemente emancipado.

Dutra pela paróquia de Vacaria em 1907, e que se encontra preservado na sede da sua antiga fazenda Caraúno, no município gaúcho de Bom Jesus²⁴.

4.1. Lages, Santa Catarina

Uma velha fotografia pertencente ao acervo do Museu Thiago de Castro, em Lages, registra um flagrante da Festa do Divino de 1890. Nota-se em frente à casa do festeiro, um singelo império desmontável, confeccionado com uma estrutura de madeira e fechamento de tecidos, ornamentado com folhas de palmeiras²⁵.

É este um dos mais antigos registros da Festa do Espírito Santo em Lages. Constam também alguns documentos, dentre eles o artigo 12 das posturas municipais aprovadas pela Lei nº 34, de 26 de dezembro de 1883, a qual dispõe sobre a angariação de donativos pela Bandeira do Divino, e uma petição assinada pelo capitão Yranio Antônio de Oliveira, da vila de Curitiba, solicitando à Câmara de Lages licença para angariar donativos para a bandeira de sua localidade, petição essa negada pelos vereadores lageanos em sessão de 08 de junho de 1887. Segundo o historiador Licurgo Costa, até essa época era comum que bandeiras vindas de localidades vizinhas, inclusive do Rio Grande do Sul, percorressem o município de Lages em busca de donativos, prejudicando sensivelmente a organização da festa na cidade²⁶.

A festa em Lages seguia a tradição recorrente nas demais localidades, iniciando pela peregrinação da bandeira nas fazendas e na área urbana, para a arrecadação de doações:

“O grupo de cavaleiros era esperado sempre com o maior interesse e unção em todas as casas de fazendas ou de simples e modestos habitantes do interior do município. Quando ela se aproximava das moradias, desfraldava a enorme bandeira e um tambor começava a ser tocado numa cadência especial para anunciar a chegada. (...) Então toda a família com seu chefe à frente vinha para a porta da casa esperar respeitosamente a Bandeira que se aproximava (...). E a grande bandeira vermelha desfraldada panejava ao vento. Era lindo e sugestivo o espetáculo.

²⁴ Salienta-se o fato de Luiz Ignácio Dutra ser bisneto de açorianos provenientes da ilha do Faial, inicialmente estabelecidos na região de Gravataí, e que por volta de 1850 se radicaram nos Campos de Cima da Serra como criadores de gado. OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. Op. cit., p. 143.

²⁵ Até recentemente pensava-se que o casarão que aparece nesta imagem, identificado como a residência do festeiro do Divino, se tratava do casarão do Coronel Juca Antunes, edificação tombada como patrimônio histórico estadual, localizada na esquina das ruas Coronel Córdova e Benjamin Constant. Contudo, após uma investigação mais criteriosa, chegou-se à conclusão de que na verdade consiste em residência já desaparecida, outrora situada na esquina das ruas Hercílio Luz e Benjamin Constant (antigas “da Boa Vista” e “da Matriz”, respectivamente).

²⁶ COSTA, op. cit., p. 356.

Então o grupo apeava, rezava junto com a família as orações apropriadas, recebia o donativo e seguia seu caminho cantando sob a bandeira desfraldada.

(...) Na cidade o cerimonial era semelhante. Apenas melhorando com acompanhamento de banda de música tocando alegres dobrados. E de quando em vez subia aos ares um ruidoso rojão cujo estouro ecoava sobre o casario”27.

Em 1938, a partir de suas memórias, Otacílio Costa descreveu a animação das Festas do Divino na Lages de sua infância:

“E que entusiasmo e que alegria se irradiavam das physionomias daquela gente boa, que fazia um grande empenho em dar à Festa do ‘Divino’ todo o realce, à altura da sinceridade e da pureza e ardor da sua fé. E no dia em que a ‘Bandeira do Divino’ saía à rua, a fazer coletas, ao som da banda do “Justino” ou do “Gaspar” e antes do “Constâncio”, em magistras dobrados, ái da Comissão se deixasse uma casa sem a vista da “Bandeira”! Era uma reclamação em regra ao festeiro. E a música alegre e os rojões alvissareiros espoucando nos ares e toda a gente em trajas domingueiros, a que não faltavam as sobrecasacas e as calças brancas e os chapéus altos.

E as novenas enchem a velha matriz literalmente e à noite o leilão corria com o maior entusiasmo. Eram lindas prendas, os leitões assados com o clássico ovo entre os dentes e as galinhas gordas, tudo doado em louvor do Divino Espírito Santo”28.

Na manhã do último domingo, realizava-se uma missa na qual eram sorteados os festeiros no ano seguinte. Feito isso, uma comissão chefiada pelo casal imperial, acompanhado por seus mordomos e pela banda, rumava à casa dos eleitos para comunicar-lhes o resultado do sorteio, e, enfim realizar-se a última novena e o derradeiro leilão.

A partir da década de 1940 os folguedos populares entraram em desuso, não mais se realizando as coroações de imperadores, cortejos e leilões. Por fim, depois de 1963, encerram-se por completo as comemorações festivas do Divino Espírito Santo em Lages²⁹.

4.2. Vacaria, Rio Grande do Sul

27 COSTA, op. cit., p. 352-354.

28 COSTA, op. cit., p. 354.

29 Pesquisa recente nos Livros Tombo 2º e 3º da Paróquia de Lages, pelo historiador Sérgio Sartori, comprovaram que os últimos registros em que se menciona a realização da Festa do Divino datam de 1963.

Vacaria é a última cidade serrana que ainda celebra a Festa do Divino, porém, tal qual sucedeu em outras localidades, não mais com o brilho e esplendor de antigamente.

Os historiadores vacarianos José Fernandes de Oliveira e Fidélis Dalcin Barbosa registraram em seus livros detalhes das festas que se realizavam em honra ao Espírito Santo em datas mais recuadas. Em geral, seguiam a cronologia que iniciava com a passagem dos grupos trinos de foliões (rabequista, violeiro e tamboreiro) levando a bandeira de casa em casa, arrecadando prendas e cantando:

*“O Divino pede esmola
Mas não é por precisar
Ele bate de porta em porta
E só para experimentar. (...)
Deus vos pague a boa esmola
Dada de boa vontade
Lá no céu tereis o pago
Da Santíssima Trindade.”³⁰*

O ponto culminante era a missa festiva no domingo de Pentecostes e os leilões promovidos no edifício do império, sempre contando com a presença do cortejo imperial e das bandas musicais.

As refeições fartas de churrasco (carne assada), provenientes das doações dos fazendeiros, eram, à semelhança de tradição ainda mantida nos Açores, franqueadas aos fiéis. Porém, deixaram de ser praticadas na década de 1930, por ocasião das obras de construção da Catedral, passando desde então a serem cobradas, visando angariar recursos para o custeio da obra que se arrastou por vários anos³¹.

Um fato que diferenciava a Festa do Divino de Vacaria das demais já referidas no presente trabalho era a encenação das cavalhadas, ao final do último domingo. Tradição de origem portuguesa dotada de grande pompa, trata-se da encenação de um combate eqüestre da época das Cruzadas, entre mouros e cristãos, e que termina com a vitória cristã e conversão dos cavaleiros muçulmanos³².

Achou-se oportuno o desfecho da presente abordagem com o minucioso relato da Festa do Espírito Santo de Vacaria em 1904, feito pelo padre francês Fidélis de la Motte-Servolex, assim que chegado para auxiliar na administração da paróquia local:

30 OLIVEIRA, José Fernandes de. Op. cit., p. 225.

31 OLIVEIRA, José Fernandes de. Op. cit., p. 189.

32 BARBOSA, op. cit., p. 43.

“Aqueles que nunca assistiram a esta festa não podem fazer idéia do esplendor com o qual o brasileiro celebra o que chama de festa do Divino Espírito Santo. Preparam-se durante todo o ano, e quando a festa termina, sorteiam o novo festeiro, que deverá dirigir os preparativos para o ano seguinte. Mais ou menos duas tropas de cavalaria, com bandeiras do Espírito Santo na mão, partem em todos os sentidos, sulcam todas as ruas e becos para recolher ofertas destinadas a cobrir as despesas da solenidade.

Muitas pessoas ignoram o mistério da SSma. Trindade. Imaginam que o Espírito Santo seja o santo de maior categoria, que tem todo o poder, tão poderoso quanto Deus. Em casa, cercam de grande respeito e veneração a pomba de prata, símbolo do Espírito Santo, que jamais esquecem de colocar no altar improvisado, junto a outras imagens de santos (...).

(...) No primeiro dia da novena, ao meio-dia, enquanto os dois sinos repicavam festivamente e a banda unia suas notas ao espoucar dos foguetes, um grande mastro com o estandarte do Espírito Santo elevava-se lentamente, na praça fronteira à Igreja Matriz, como para anunciar à multidão que a cidade estava em festa e só devia pensar no Divino Espírito Santo e se regozijar.

Nossa velha igreja se transformava com adornos, as velhas tábuas desaparecem debaixo dos enfeites. Ao entardecer, quando centenas de luzes davam ao recinto sagrado a claridade do dia, ela se enchia de fiéis vindos ao som da banda, para assistir à primeira benção da novena.

(...) À saída, a igreja foi iluminada por fogos de artifício. Cada dia a multidão aumentava; diariamente, apareciam estranhos. Nossas ruas exibiam um luxo que podia competir com o das nossas cidades da França. No sétimo dia da novena, o esplendor redobrou;

(...) Á noite, durante a Novena, o Festeiro chegou triunfante, um diadema na cabeça, um cetro na mão, escoltado por quatro pagens e precedido pela banda. Sentou num magnífico trono, cercado por sua corte de honra. Após a função religiosa, deixou a igreja com a mesma solenidade, indo depor seu cetro e sua coroa numa casa especial para a circunstância, chamada império.

A mesma cerimônia repetiu-se nos dias seguintes, com imperturbável seriedade.

(...) Nos três últimos dias, a folgança foi completa, exceto para as modistas, que não conseguiam satisfazer os caprichos das suas clientes. Em lugar de trabalhar, passeavam, faziam visitas e se contemplavam. Para entender este costume, precisamos saber que a novena de Pentecostes é uma das raras

circunstâncias que possibilitam aos habitantes do sítio, rústicos reis de vastos domínios, entrar em contato com os da cidade.

Chegavam montados em fogosos corcéis, ricamente ajazados. Vendo a inferioridade geral dos trajes das senhoras da cidade, as camponesas pareciam dizer: “Somos nós as princesas”. É inútil lembrar que durante as festas, exceto o tempo das cerimônias religiosas, o resto era empregado nos divertimentos profanos, sobretudo na dança, parte integrante das festas brasileiras. Dizer que uma festa foi linda significa dizer que os bailes foram numerosos e concorridos.

(...) Chegou, finalmente, o dia solene da festa. Além dos morteiros, dos foguetes, dos gritos de alegria e da banda, e uma Missa solene, à qual assistiram quase todos os fiéis, nada houve de extraordinário durante a manhã. À tarde, as festas religiosas foram encerradas por uma tocante procissão, onde se viam crianças vestidas de anjo, segurando as fitas das bandeiras e dos tronos de todas as imagens da localidade, levadas orgulhosamente por robustos camponeses. A cerimônia terminou com a eleição do novo festeiro. Aquele que trabalhava um ano inteiro e via findar sua tarefa e arrebatá-lhe o cetro e a coroa, entregava-os agora a seu sucessor.”³³.

5. Considerações finais

Acompanhando processo verificado na maior parte das localidades em que se celebrava festivamente o Espírito Santo desde o século XVIII, as cidades serranas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul também testemunharam a decadência gradual dessa tradição. Em cidades como Lages e São Joaquim, ocorreu de maneira praticamente irreversível, enquanto em Vacaria é timidamente mantida, apresentando-se muito aquém das festas pomposas do passado.

É lamentável que uma das mais expressivas manifestações de cultura e religiosidade popular herdada dos colonizadores portugueses, em particular dos açorianos, tenha simplesmente deixado de existir, considerando-se que poucas décadas atrás, ainda era o maior evento do calendário das comunidades.

Mais pesarosa é a ausência de documentação histórica referente às festas, irmandades e paróquias, o que dificulta sobremaneira as pesquisas, apoiadas basicamente em revisões bibliográficas, em sua maioria de produção recente. Tal dificuldade foi sentida quando da elaboração do estudo inicial que tratou da arquitetura dos Impérios do Divino no Sul do

33 BARBOSA, op. cit., p. 41-43.

Brasil, e que foi apresentado também nas duas últimas edições do Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo³⁴.

Em meio ao quadro preocupante, vislumbra-se a esperança representada pelas festas celebradas em duas modestas comunidades rurais, Vila Seca e Criúva, no município de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, que nos últimos anos tem desenvolvido trabalho exemplar de valorização e resgate cultural das festas do Espírito Santo.

Almeja-se que eventos como o Congresso, por sua abrangência internacional, possam continuar a ser realizados e divulgados, pois permitem uma produtiva troca de experiências e contatos, ampliando a pesquisadores e ao público em geral as perspectivas sobre o assunto.

Mais do que isso, tem permitido o desenvolvimento de ações práticas voltadas à difusão e à preservação das Festas do Divino, tema repleto de valores e significados, Patrimônio Cultural Imaterial de Portugal, dos Açores, do Brasil e do mundo.

34 SANTOS, op. cit.



Festa do Divino na cidade de Lages em 1890: fiéis se aglomeram na esquina da rua Hercílio Luz com a rua Benjamin Constant, junto a um império confeccionado em madeira e tecidos, montado em frente à casa do festeiro (Fonte: Acervo do Museu Thiago de Castro, Lages).